

PELO MENOS VINTE PACIENTES QUE TIVERAM O CORPO QUEIMADO FORAM SALVOS PELO NOVO TRATAMENTO

A CURA NA PELE DE RÃ

Ana Helena Paixão
Da equipe do **Correio**

E.C.R. é um adolescente de 17 anos. Há dois meses, ele foi internado na Unidade de Tratamento de Queimados do Hospital Regional da Asa Norte (Hran). Chegou em estado crítico, depois de ter se queimado com óleo diesel. Mas nem ele mesmo sabe contar detalhes do acidente.

“Ele teve uma queimadura extensa e profunda, que atingiu 77% da área corporal. Seu estado era muito grave”, relembra o médico José Adorno, chefe da unidade de tratamento de queimados do Hran. “Há alguns anos, não teríamos conseguido salvar sua vida”, completa Adorno.

No entanto, E. deu sorte. Ele é considerado o mais recente milagre da equipe médica da unidade. O rapaz, com poucas chances de vida, poderá ter alta médica daqui a 15 dias — se continuar estável e em recuperação.

Os resultados obtidos com o jovem são frutos de pesquisa e testes realizados pela equipe do Hran. Há mais de dois anos, os médicos da

unidade de queimados começaram a testar (e usar) a pele de rã como curativo biológico. Ou seja, um tipo de curativo que dá sustentação à pele do queimado, além de evitar a perda de líquido e de proteínas.

O “curativo” é usado como pele substituta até que a pele do paciente se recupere e possa ser usada para recompor os tecidos destruídos pelas queimaduras. “Começamos a usá-la em pacientes com queimaduras de 3º grau e que tem até 70% do corpo queimado. Pessoas sem proteções próprias contra infecções e com poucas chances de sobrevivência”, destaca José Adorno.

Sorte dos pacientes do hospital. Mais de 20 deles foram salvos graças à pele de rã. “Barateamos o custo do tratamento. Com a rã, diminuímos os gastos com antibióticos, o tempo de internação e o número de casos de infecção, doença oportunista que ataca os queimados”, comenta o chefe da unidade de queimados.

Ele destaca ainda que o curativo biológico diminui a dor dos pacientes, o que acelera o tratamento. “Com menos dores, eles passam a colaborar com a equipe, o que

torna mais rápida a recuperação”, explica.

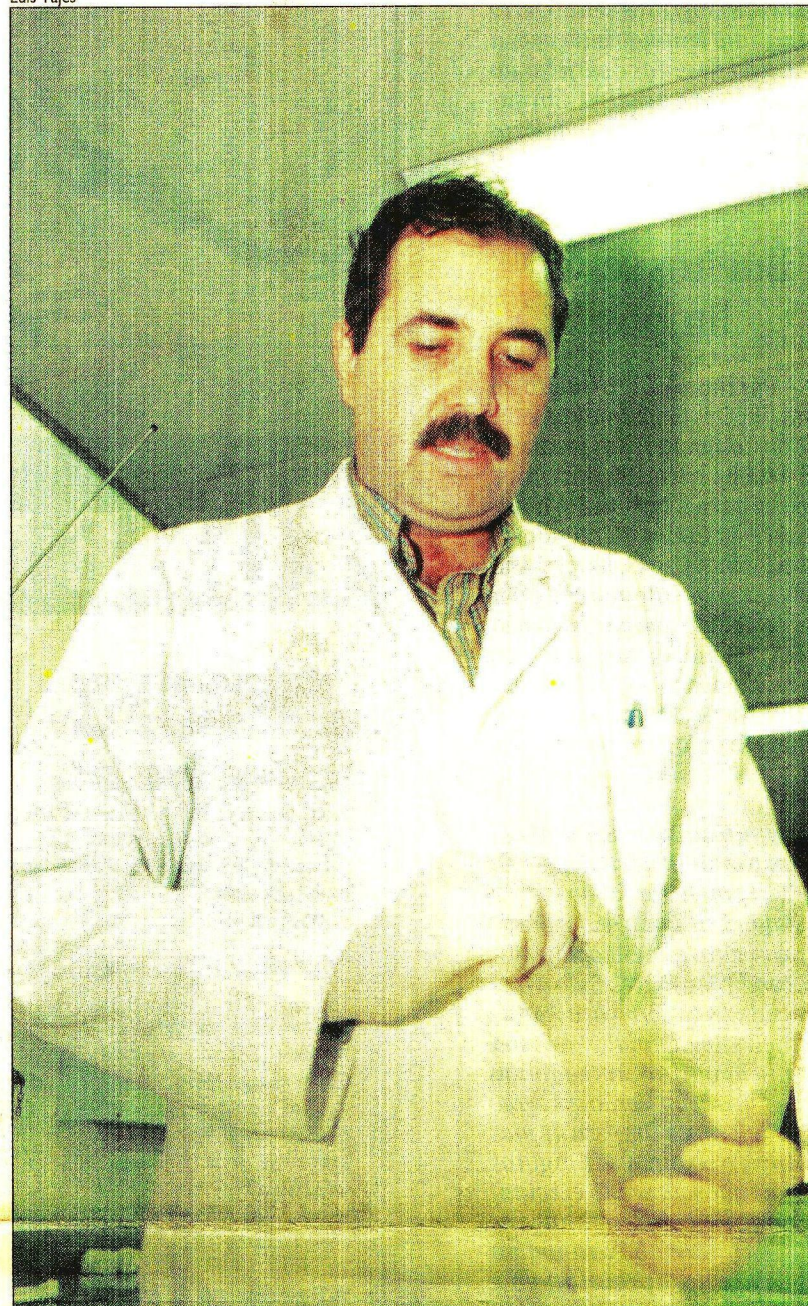
NOS BREJOS

A idéia foi “copiada” dos hospitais particulares de Goiânia (GO), que já usavam a nova técnica há vários anos. “Eles obtiveram bons resultados com o tratamento. Além disso, a pele de rã é uma alternativa boa e barata porque o animal mora em qualquer brejo”, brinca o médico, para depois falar sério. “A rã é um animal criado em cativeiro, em ótimas condições de higiene. Assim, sua pele não oferece risco de infecção aos queimados. E são as infecções que podem matá-los”.

A outra alternativa para o tratamento no Hran era o uso de pele de cadáver. Mas o hospital desistiu da idéia porque a “matéria-prima” dependia da regulamentação da lei de transplantes de órgãos, “que até hoje não aconteceu”, comenta Adorno. Assim, o hospital da Asa Norte começou a “importar” a rã de Goiânia.

Mas, a partir da próxima semana, o Hran passa a ter produção própria. Tudo graças a uma parceria com um ranário — empresa que cria rãs — da cidade. “O ranário *Rander* fornece carne para restaurantes da cidade, mas joga fora a pele. A partir da semana que vem, eles vão nos doar o material de graça”, comemora o médico. Segundo ele, a equipe do Hran vai analisar a matéria-prima para o ranário. “Assim, estaremos dando um retorno das doações e eles poderão vender a pele futuramente”, encerra.

Luis Tajés



José Adorno com a pele de rã: tecnologia dos hospitais particulares de Goiânia

Tratamento é intensivo

Com a “produção” local de pele de rã, o Hospital Regional da Asa Norte deve conseguir dois bons resultados: salvar mais vidas em menos tempo e gastar menos dinheiro. A informação é do médico José Adorno, chefe da unidade de queimados do hospital.

Ele destaca que, atualmente, o Hran paga R\$ 6 por pele. “Cada paciente em estado grave gasta quase mil peles durante o tratamento”, afirma. A parceria com o ranário vai permitir o tratamento a custo zero — pelo menos no que se refere ao curativo biológico.

Os resultados da nova técnica já começam a ser medidos em números. Pacientes em situação semelhante a de E.C.R. podiam ficar internados por mais de três meses. E. pode sair em 15 dias — o que vai representar 75 dias de internação.

Ele não foi o único a ter o tempo de internação reduzido. “Nossa média de internação de pacientes graves era de 60 dias. Hoje, a permanência está entre 17 e 19 dias”, comenta José Adorno.

Mas, o médico destaca, que a pele de rã não foi a única responsável por este resultado. “É todo um conjunto de situações. Atualmente, os queimados recebem tratamento intensivo no Hran. Antes não era assim. Isso melhora todos os resultados”, avalia o médico.